

## SEQUELAS PÓS-COVID-19

Jady Moraes Franco<sup>1\*</sup>, Lybryanne Alves Preto<sup>2</sup>, Vitória Tavares de Souza Lemos<sup>3</sup>, Ana Zilda Ceolin Colpo<sup>4</sup>

329

1\*, 2, 3 - Acadêmicas em Fisioterapia, Centro Universitário da Região da Campanha-URCAMP,  
jadymfranco@yahoo.com.br

4,\* Drª em Bioquímica, Centro Universitário da Região da Campanha-URCAMP

A COVID-19 é uma patologia causada pelo vírus SARS-CoV-2, que pode afetar negativamente os indivíduos infectados, variando de sintomas leves a moderados ou graves. Por decorrência, podem haver diversas sequelas, as quais persistem por tempo indeterminado. O seguinte trabalho teve por objetivo verificar a incidência dessas sequelas e alterações funcionais em pacientes que foram infectados pela COVID-19. Trata-se de um estudo transversal quantitativo em que as informações foram coletadas através de um questionário aplicado pela ferramenta online Google Forms. Como resultado, foi encontrado a presença de pelo menos um sintoma persistente após a infecção, sendo os principais fadiga, hiposmia e ageusia, e cefaleia. Concluiu-se que a COVID-19 pode causar diversas sequelas e alterações funcionais à curto e longo prazo nos pacientes após a infecção, e que essas repercussões estão associadas ao grande impacto negativo na qualidade de vida.

Palavras-chave: COVID-19; SINDROME PÓS-COVID; SARS-CoV-2, SEQUELAS COVID-19, COVID LONGO.

### INTRODUÇÃO

A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que pode afetar as pessoas de diversas maneiras, variando de sintomas leves a moderados ou graves. Lopes e Abreu, (2021) observam que a COVID-19 tornou-se rapidamente uma das pandemias que mais propagou-se e que ocasionou inúmeras mortes da história moderna.

Após a infecção os pacientes podem experimentar danos persistentes, a chamada “Síndrome Pós-COVID-19” (AUGUSTIN et al., 2021). De acordo com Carfi et al., (2020) fadiga, dispneia e dores musculares são os sintomas mais frequentes que podem permanecer até 60 dias após a resolução da doença. Esses sintomas impactam negativamente na qualidade de vida e no estado

funcional destes pacientes, causando grande preocupação para os sistemas de saúde de diversos países (PANT et al., 2021; VENKATESAN, 2021).

As sequelas causadas pelo vírus SARS-CoV-2 são distintas e abrangentes, implicando desde campos econômicos até campos da área social e da saúde. Desse modo, o objetivo do trabalho é verificar a incidência das sequelas e alterações funcionais em pacientes que foram infectados pela COVID-19. Ainda são poucos os dados em relação a temática abordada, onde irá contribuir tanto na área científica e clínica, de modo que se possa projetar terapêuticas eficazes afim de reduzir os prejuízos causados por essas alterações, como também na prática social, fornecendo informações para a população em geral.

330

## **METODOLOGIA**

Utilizou-se a abordagem segundo o método hipotético dedutivo primeiramente apresentado por Popper no ano de 1935, que tem como base a percepção de uma brecha no conhecimento estruturado sobre o tema e para qual se formulam hipótese para avaliar o possível acontecimento das situações levantadas pela hipótese (MARCONI e LAKATOS, 2005, p.106).

Trata-se de um estudo transversal quantitativo em que as informações foram coletadas através de um questionário com questões fechadas e abertas aplicado pela ferramenta online Google Forms para verificar a incidência de sequelas e alterações funcionais em pacientes que tiveram a COVID-19.

De acordo com Parasuraman (1991), o questionário trata-se de um conjugado de perguntas estabelecido com o objetivo de instituir dados que abranjam os objetivos propostos pelo projeto. Dentro da contextualização dos questionários compreende-se que esta é uma ferramenta extremamente importante para a pesquisa científica com o objetivo de coletar dados importantes para responder às perguntas da pesquisa. O mesmo foi enviado para os participantes responderem as questões através de aplicativos de troca de mensagens, redes sociais e por correio eletrônico.

A pesquisa foi aplicada entre os meses de agosto e setembro, tendo como público-alvo pessoas que têm acesso ao software utilizado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo foi realizada uma pesquisa digital utilizando a ferramenta de gerenciamento Google Forms. Participaram da pesquisa 148 indivíduos, no entanto, destes foram excluídos 53 pois não foram infectados pela COVID-19.

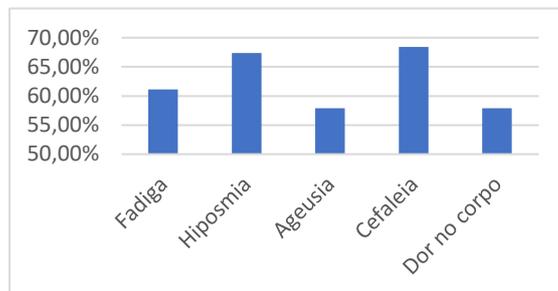
O perfil sociodemográfico da população de estudo constitui-se em 78,9% (n=75) do sexo feminino e 22,1% (n=20) do sexo masculino, destes 32,2% (n=31) dos participantes são profissionais de saúde, e a grande maioria 42,1% (n=40) tinha idade entre 18 e 29 anos.

Quando questionados há quanto tempo tiveram a infecção 50,5% (n=48) dos participantes responderam que foram infectados há mais de seis meses, 34,7% (n=33) teve a infecção entre três e seis meses e 14,7% (n=14) há menos de 3 meses.

Os participantes foram questionados se possuíam alguma comorbidade, 61,1% (n=58) respondeu que sim, sendo a maioria hipertensão, seguido de diabetes e doenças pulmonares crônicas. O estudo de Singh et al., (2020) relata que indivíduos portadores de diabetes e hipertensão foram identificados como fatores de risco a desenvolverem os sintomas prolongados da COVID-19.

Os participantes foram questionados sobre quais foram os sintomas predominantes durante a infecção, o gráfico dos sintomas está descrito no gráfico a baixo (tabela 1):

Tabela 1: Gráfico dos sintomas predominantes durante a infecção pela COVID-19

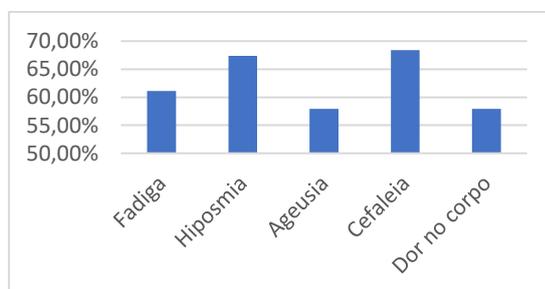


Fonte: Arquivo pessoal.

Pode-se observar a prevalência de cefaleia, fadiga, hiposmia e ageusia, e dor no corpo. De acordo com o estudo de Frota et al., (2021) os sintomas de hiposmia e ageusia estão relacionados entre si e são relatados em 30% a 80% dos pacientes com COVID-19. Castro et al., (2021), colabora que dentre os sintomas mais comuns vivenciados na fase aguda encontram-se febre, tosse seca e cansaço, entretanto, alguns pacientes desenvolvem dor na garganta, diarreia, conjuntivite, dor de cabeça, perda de paladar ou olfato.

Os participantes foram questionados se após a infecção houve a permanência de algum sintoma, onde 75,5% (n=71) respondeu que sim, e 24,5% (n=23) respondeu que não. A lista dos sintomas relatados está descrita no gráfico abaixo (tabela 2):

Tabela 2: Gráfico dos sintomas permanentes pós-COVID-19



Fonte: Arquivo Pessoal.

Esses resultados podem ser complementados ao estudo de Goërtz et al., (2020), onde fadiga, dispneia, dor no peito e dor de cabeça foram os sintomas

mais prevalentes que permaneceram após a infecção. Em relação a hiposmia e ageusia, os resultados estão de acordo ao estudo de Frota et al., (2021), que relata que apenas um terço dos pacientes apresentam melhora parcial, e ainda 5% dos pacientes permanecem com os sintomas durante 60 dias ou mais.

De acordo com Silva e Sousa, (2020) a fadiga e alterações musculares ocorrem devido ao uso de bloqueadores neuromusculares e o tempo de imobilidade na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), no entanto, apenas 3,2% (n=3) dos participantes necessitou de internação na UTI.

Esses achados podem ser explicados pelo estudo de Williams, Muirhead e Pariante, (2020), onde fala que a fadiga na COVID-19 está associada com altos níveis de citocinas persistentes, resultado da “tempestade de citocinas” da fase aguda. Outrossim, o estudo de Disser et al., (2020), corrobora que os pacientes após a infecção podem permanecer com sintomas de fadiga e fraqueza muscular, devido aos efeitos pró-inflamatórios da infecção viral e o descondicionamento físico durante o período convalescente.

## CONCLUSÃO

Para concluir, no presente estudo avaliamos a incidência de sequelas em indivíduos pós a infecção por COVID-19, os principais achados foram fadiga, hiposmia, ageusia e cefaleia, os quais estão associados ao grande impacto negativo na qualidade de vida destes indivíduos. A COVID-19 pode causar diversas sequelas e alterações funcionais à curto e longo prazo nos indivíduos após o período de infecção, no entanto, ainda que os efeitos causados pela fase aguda da doença estejam amplamente descritos na literatura, são poucos os estudos sobre a temática proposta. Logo, observar e entender a respeito destas alterações à longo prazo, é uma contribuição importante.

## REFERÊNCIAS

334

AUGUSTIN, M. et al. Post-COVID syndrome in non-hospitalised patients with COVID-19: a longitudinal prospective cohort study. **The Lancet Regional Health - Europe**, [s. l.], vol. 6, 2021.

CARFÌ, A.; BERNABEI, R.; LANDI, F. Persistent Symptoms in Patients After Acute COVID-19. **JAMA**, [s. l.], vol. 324, no. 6, 2020.

CASTRO et al. Dor no Paciente com Síndrome Pós-COVID-19. **Revista Científica Hospital Santa Izabel**, [s. l.], vol. 5, no. 2, 2021.

DISSER, N. P. et al. Musculoskeletal Consequences of COVID-19. **Journal of Bone and Joint Surgery**, [s. l.], vol. 102, no. 14, 2020.

FROTA, A. X. et al. Functional capacity and rehabilitation strategies in Covid-19 patients: current knowledge and challenges. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, [s. l.], vol. 54, 2021.

GOËRTZ, Y. M. J. et al. Persistent symptoms 3 months after a SARS-CoV-2 infection: the post-COVID-19 syndrome? **ERJ Open Research**, [s. l.], vol. 6, no. 4, p. 00542–02020, 2020.

LOPES, D. O.; ABREU, F. ELETROTERRAPIA IVL NO TRATAMENTO DE COVID-19 E SEQUELAS NO SISTEMA NERVOSO CENTRAL / IVL ELECTROTHERAPY IN THE TREATMENT OF COVID-19 AND CENTRAL NERVOUS SYSTEM SEQUELAE. **Brazilian Journal of Development**, [s. l.], vol. 7, no. 4, 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

PANT, P. et al. Prevalence of Functional Limitation in COVID-19 Recovered Patients Using the Post COVID-19 Functional Status Scale. **Journal of Nepal Medical Association**, [s. l.], vol. 59, no. 233, 2021

PARASURAMAN, A. Marketing research. 2. ed. **Addison Wesley Publishing Company**, 1991.

SILVA, R. M. V.; SOUSA, A. V. C. Fase crônica da COVID-19: desafios do fisioterapeuta diante das disfunções musculoesqueléticas. **Fisioterapia em Movimento**, [s. l.], vol. 33, 2020.

SINGH, A. K. et al. Prevalence of co-morbidities and their association with mortality in patients with COVID-19: A systematic review and meta-analysis. **Diabetes, Obesity and Metabolism**, [s. l.], vol. 22, no. 10, 2020.

335

VENKATESAN, P. NICE guideline on long COVID. **The Lancet Respiratory Medicine**, [s. l.], vol. 9, no. 2, 2021.

WILLIAMS, F. M. K.; MUIRHEAD, N.; PARIANTE, C. Covid-19 and chronic fatigue. **BMJ**, [s. l.], 2020.